



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Entrevista de **Miriam Bianca do Amaral Ribeiro**, realizada por Cristiano Nicolini, Bárbara Dezembrina, Felix Oliveira e Geicy Caires, em 2/4/2025, na cidade de Goiânia, na Faculdade de Educação da UFG.

Legenda da transcrição

E1: Entrevistador 1 (Cristiano Nicolini)

E2: Entrevistadora 2 (Barbara Dezembrina)

E3: Entrevistador 3 (Felix Oliveira)

E4: Entrevistadora 4 (Geicy Caires)

R: Entrevistada (Miriam Bianca do Amaral Ribeiro)

A transcrição foi realizada por Felix A. Oliveira e revisada por Cristiano Nicolini.



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

E1 - Bom dia, então. Estamos aqui hoje para entrevistar a professora Miriam Bianca do Amaral Ribeiro, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Hoje é dia 2 de abril de 2025, são que horas, por favor? 10:10. Então, professora Miriam, a gente agradece por ceder o seu tempo para a nossa entrevista. Participaremos eu, o professor Cristiano, coordenador do projeto, o Felix, estudante, a Bárbara, estudante de graduação, também, e a Geicy, mestranda em História da UFG. Então, para começar a conversa, professora Miriam, eu gostaria que você dissesse seu nome completo, data e local de nascimento, e como você gostaria de ser chamada nesta entrevista.

R - Miriam Bianca Amaral Ribeiro, eu nasci em 9 de fevereiro de 1961, já tem tempo pra caramba, e o jeito que eu me reconheço mais é Bianca. Quando falam Miriam Bianca, ou é minha mãe ou é cobrador.

E1 - Bianca, então. Local de nascimento?

R - Porto Alegre. Detesto churrasco cru e chimarrão... e aquele machismo daquele povo.



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

E1 - Porto Alegre. Então, depois dessa apresentação inicial, a gente quer ouvir o que você quiser e puder falar sobre a sua família. O que você lembra sobre suas histórias familiares, se você tem irmãos, nomes, e sobre a origem da família também. Se quiser também falar sobre avós, enfim, aquilo que você considera possível ou importante registrar nesta entrevista.

R - Eu sou a filha do meio de um conjunto de três filhas, de uma mulher que ficou viúva aos 31 anos e criou as três filhas sozinha, costurando, fazendo comida, e uma vida muito puxada, muito dura, e conseguiu o troféu da vida dela, que é ter formado as três filhas. Minhas duas irmãs são psicólogas, fui cobaia de muitos experimentos. Tudo que elas aprendiam no curso, elas vinham testar em mim, realmente uma vida muito científica, desde muito cedo. A infância, quando meu pai morreu, a gente foi morar com a minha avó, moramos em Anápolis, depois minha mãe veio pra cá pra gente estudar, e estudei sempre a vida inteira, em escola pública. A primeira escola que eu estudei foi o Ginásio Emmanuel, que é uma escola espírita que tem no Setor Sul, e lá fiquei conhecendo toda essa... Como criança e adolescente, esse mundo do espírita e todas as relações que eles têm com campanhas de solidariedade, doação de coisas. Botava os meninos pra pegar sabonete na casa dos outros, no sol quente, pra fazer campanha de doação, e depois a gente descobria que as mulheres da escola ficavam com os melhores



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

sabonetes. Então a gente vai aprendendo, meio na linha dura, o que é religião e como as pessoas usufruem pessoalmente dessa subjetividade que a humanidade produziu. Aí eu estudei nessa escola até o final do ensino fundamental, fui pra Escola Técnica Federal de Goiás, na época era a Escola e hoje é IF, né, e fiz o curso de mineração lá, e nunca exerci mineração exatamente, gostava muito de quando ia pro mato, estava no meio dos rios, pegava as pedras no fundo do rio, coletava material e tal. Aí eu fiquei sabendo que, para mulheres, a mineração era o trabalho de secretaria. Eu falei: parece que eu não estou entendendo muito bem o que é isso, então saí fora. E aí fui fazer, fiz o primeiro vestibular para Economia, na Católica, não tive economias para pagar o curso, e quando eu vi aquele tanto de matemática, eu falei, não é minha praia, e aí fui pro curso de História. Já casada - casei, pasmem, senhoras e senhores! -, eu casei a primeira vez, no longa-metragem que deu origem à série, com 16 anos. E quando todas as minhas amigas, coleguinhas, estavam fazendo enxoval, preparando o chá de panela, eu já estava morando sozinha, cuidando de meninos, trabalhando em três lugares diferentes, e eu olhava para as meninas e falava: Gente, pula essa parte, não faz isso não, o que vocês estão fazendo?! Então, com 21, eu separei do pai do meu filho, meu amigo da vida inteira, muito tranquilo, mas... então, assim eu caí na vida muito cedo, e isso fez a gente aprender a se virar. Então, trabalhei muito, e uma coisa que, desde a adolescência, eu entrei para o teatro, fazia teatro amador,



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

então, teatro popular, eu apresentava na periferia, corria de polícia no meio da ditadura, né, no meio da ditadura, e a minha primeira militância do ponto de vista de enfrentamento às questões sociais, foi através do teatro. Então, fiz teatro um bom tempo, num grupo que a gente criou, que se chama Macunaíma, e fui para a escola técnica, e na escola técnica entrei para o movimento estudantil, que na época era uma formalidade, era muito insosso politicamente, era muito mais de sustentação à ditadura, e aí eu entrei para a entidade, para o Grêmio Lítero Teatral, como é que chamava? Grêmio Lítero Teatral? Então, mas aí comecei a ter contato com a militância mais à esquerda né, de esquerda, e de lá para cá, nunca deixei isso de lado. A minha família, a minha avó ficou viúva, a minha mãe ficou viúva, eu separei com 21. Então, é uma linhagem de mulheres que seguraram a onda, né. Quando eu estava fazendo um mestrado, que eu entrevistei o Bernardo Elis, ele matou uma charada muito interessante, porque eu estava discutindo que as mulheres, por exemplo, as mulheres Caiado, são mulheres fortes, poderosas, mas elas são fortes, poderosas, para reafirmar o poder dos homens. Então, as mulheres da minha família seguem essa conduta que é generalizada, são mulheres que têm que cair na saroba, têm que enfrentar o mundo, têm que sustentar filhos, têm que se virar nos 30, mas elas resguardam, assim, homem, a hora dos homens almoçar é a hora dos homens almoçar, não, respeita essa conversa de homem. Então, é interessante isso, elas seguram a onda, eu fui criada nessa



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

vibe, mulher que segura a onda, mas não é um enfrentamento feminista, segura a onda, mas sustenta e reproduz uma lógica machista. Então, quando eu percebi isso, por exemplo, quando eu separei com 21, a família: 21! 21 anos! A família inteira falou: Agora você já casou, já teve filho, agora você vai cuidar da sua mãe. Minha mãe tem 50, eu vou cuidar dela por causa de quê? Então, assim, a tarefa para as mulheres, e é uma coisa interessante, que é também, a gente estudando, vai percebendo as coisas, nos Caiado, por exemplo, todas as gerações, uma das filhas não casa, que é para cuidar dos pais. É uma tradição de origem colonial, veio com o império e permanece. E a minha família, de alguma maneira, achou que essa parte que me cabia nesse latifúndio, eu falei, só que não, né? Então, não sei se é por causa disso, mas eu casei uma cinco vezes depois, só para falar que não era isso. Então, aí eu fui para a escola técnica, lá eu conheci o meu primeiro namorado, namorei com ele dos 15 aos 16, aí apartemo, nicodemo, foi cada um para um lado, e 40 anos depois a gente se reencontrou e tem 10 que a gente casou. É novela global, gente, Janete Clair, você perdeu. Então, e é isso né. Então assim e no meio disso tudo, eu nunca deixei de alguma maneira e em algum momento articular vida pessoal, vida acadêmica, estudo, profissão, com a militância. Isso para mim é indissociável, igual o ensino, pesquisa e extensão. Aqui na faculdade já passei por várias situações muito delicadas, de chegar gente e falar para mim assim, você vai trabalhar, você fez concurso aqui para fazer



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

greve ou você vai trabalhar? Você vai fazer pesquisa? Aí você tem que falar: Minha senhora, se a gente não garantir que a universidade sobreviva, você não vai ter onde fazer sua bela e deliciosa pesquisa que você vai publicar e ganhar uns dinheiro com ela. Então, não dá para separar. Então, essa é uma coisa que não é hierarquismo e a gente paga uma conta muito grande por isso, por não hierarquizar trabalho acadêmico e militância, porque é um julgamento 24 horas, especialmente quando você faz um enfrentamento minimamente radicalizado ao status quo, por exemplo, às reitorias, aos acordões, a essas coisas todas. Então, a gente paga uma conta muito ostensiva e permanente. E só lamento, porque a gente não vai deixar de fazer.

[INTERVALO PARA AJUSTES TÉCNICOS]

E2 - Sobre a sua infância, a senhora poderia falar um pouco sobre a rua, o bairro que marcou a sua infância? A sua casa também, do que a senhora mais se lembra. E quais eram as suas brincadeiras favoritas na infância?

R - Vamos pular a parte do senhora, porque a gente tenta disfarçar enquanto pode. Então, assim, né? Eu sei que disfarçar sem dente é quase missão impossível, mas... É... É... A minha infância foi... vivendo sob os cuidados de uma mãe que tinha que cuidar de três meninas. A gente mudava... Como é



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que a minha mãe... Ela trabalhou de costureira, trabalhou de contadora, e depois tinha que sair muito de casa e não queria deixar os filhos sozinhos. O que ela fez? Ela começou a alugar uma casa maior e realugar os quartos para estudantes. Então, a nossa casa sempre foi muito cheia de gente que não era da família. Então, a gente teve que aprender a conviver com a vida um pouco menos privada. Ela passou a fornecer refeições. Então, virou um restaurante doméstico. Então, a minha lembrança de infância é ajudando na cozinha, ajudando... Principalmente ajudando na manutenção da casa que nos sustentava. Então, a gente morava... Eu, minha mãe e minhas duas irmãs, a gente ficava num quarto e realugava os outros quartos. Com isso, pagava o aluguel e pagava a manutenção. Com a comida, a gente se alimentava e sustentava as outras contas. E, basicamente, a região que a gente morou sempre foi a região do Setor Sul, por conta da escola que a gente estudava, que era no Setor Sul, e por ser o lugar central em que essa atividade comercial doméstica fluía razoavelmente, né. Então, lazer era muito pouca coisa, porque era o tempo inteiro no trabalho. E é.. é uma coisa que a gente aprende... Quanto antes aprender, melhor. Mais a gente vira gente grande, mais rápido. É exatamente que o mundo do trabalho... A gente não se separa do mundo do trabalho hora nenhuma, né. Então, o que o homem primata do Titãs fala: “eu não sabia, eu não trabalhava, eu não sabia que o mundo criava e destruía.” Quando você se insere precocemente no mundo do trabalho... Então, havia





## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

tanta gente que frequentava a casa, e minha mãe tinha que manter do ponto de vista do controle moral, uma atitude muito rígida, porque eram três meninas e um monte de homem desconhecidos que frequentavam, dormiam, entravam e saíam da casa. Então, situações de risco. Então, a gente deu de cara com essa realidade muito cedo. Nunca aconteceu nada que merecesse algum tipo de consideração, mas eu imagino que... Mas também, talvez eu nem tenha percebido, mas tanto ela como a viúva, a mulher nova viúva, e três crianças, três meninas, provavelmente, devem ter vivido algumas situações de assédio que ela nem mesmo quis registrar. Mas é isso, é a vida na cozinha.

E1 - Uma pergunta aqui. Talvez você tenha falado, eu perdi. De Porto Alegre para Goiás, foi com que idade?

R - Sete dias. Sete dias. Meu pai teve o que a gente chamaria hoje de uma depressão, um estresse de trabalho e tal, e veio de lá para cá quando eu tinha acabado de nascer, e ele fugiu de um hospital psiquiátrico, porque estava tomando choque, uma situação muito violenta, e eles armaram, minha avó, minha mãe, eles armaram e fugiram. Ele deixou tudo lá e veio embora, porque ele estava em um processo de esgotamento físico e psicológico e tal, mas ele ia ficar doido num lugar desse. Se não está doido, você fica. E aí eles vieram. Esse avião quase caiu, quase que eu não estaria aqui neste momento, porque



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

o avião deu uma queda brusca, e aí minha mãe, com sete dias, o susto secou o leite da minha mãe, diz ela que chorei sem parar o resto do ano. Então, muitas situações de muita tensão. E aí ela veio e ele foi transferido, tratou e tal, e foi transferido para o interior, para Goianésia. Lá ele pegou uma leita, como o povo fala, e morreu. Deu um problema sério no fígado e ele morreu. Ele tinha 36 anos e a minha mãe tinha 29... com três crianças pequenas. Então a vida ficou muito dura, muito rapidamente.

E1 - Isso é em 61, você disse, né? É. Véspera do golpe, né?

R - É. Eu nasci em 61, depois a minha irmã mais nova nasceu em 63 e a minha irmã mais velha nasceu em 58. Então, três crianças pequenas, né? E aí, na adolescência, já comecei o envolvimento com algum tipo de militância, principalmente a parte do teatro e tal, mas um grande pavor da minha mãe, porque as pessoas... A ditadura, tudo que era ameaça, e a gente fazia movimento, ia para teatro no meio da rua, corria de polícia, aquela coisa toda. Então ela sempre teve muito medo, né, de qualquer coisa. Nunca... Nessa época, eu já fui presa algumas vezes, mas não tão formalmente, mas por eventos de rua e tal, que nunca gerou uma situação de registro disso, mas nessa época não acontecia. Mas você imagina, eu tinha 13 para 14 anos e mexendo com essas coisas, com uma mulher sozinha cuidando de três



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

crianças, é um... Tadinha. Tá lá... diabetes, pressão alta, artrose, artrite, por causa das coisas que eu fiz. Tadinha. Mas é isso. Não por isso. Mas é... Então, a vida inteira é marcada por essa situação de algum tipo de enfrentamento e minha mãe lidando com isso, sustentando todo mundo e tal.

E1 - Muito obrigado.

E3 - Sobre sua escola. Você podia falar um pouco... Se você se lembra da sua primeira escola, descrever o prédio, pátio, a sala e seus professores. Teve algum professor que foi marcante na sua vida? Por quê?

R - Eu estudei o que era então primário e ginásio. Eu acho que eu fui de uma das últimas turmas que fez um exame de admissão que era entre o primário e o ginásio. Era 1ª, 4ª série, depois 5ª, 6ª, 7ª e 8ª série. E entre esses, tinha um exame de admissão. Era uma escola espírita, então tinha um serviço de som interno. Todos os dias, hora que entrava tomava distância, fila de menina, fila de menino. Tomava distância, como faz hoje na escola militar. E aí entravam as meninas, depois entravam os meninos. Eu sempre usei óculos, desde 3 anos de idade, então sentava na frente. A hora que eu pude não mais sentar na frente, por decidir não sentar na frente, não sentei mais, mas a infância toda olhando de cara para o professor, não podendo nem fazer uma bobagem,



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

porque o professor estava olhando. Mas... Então, uma escola espírita. E aí, todo dia, a hora que entrava todo mundo, começava aquela assombração, aquela voz que vinha do além, do aquém, rezando. Gente, o que é isso? Baixou o santo, o E.T. de Varginha? O que está acontecendo? Era a mulher fazendo oração, uma caixinha de som assim, em cima. Aí você tinha que levantar, ficar olhando para a caixinha de som, e a atitude de solenidade. Gente, é uma caixinha de som. Por que vocês estão fazendo isso? Nossa, mas era... E assim, o terror, o terror. É impressionante como a religião vive de passar medo nos outros. E é criança. Então, olha, nós estamos vendo tudo que vocês... E pior que estava vendo mesmo, né? Estamos vendo não sei o quê. Eu lembro que eu fiz, com 11 anos, eu fiz a primeira comunhão. E na época era slide. Aí tinha uns slides do inferno. Gente, ninguém dorme. Ninguém dorme. Meninos escondem tudo debaixo da cama. Uns slides com fogo subindo, porque você pecou, porque você mentiu, porque você não rezou. Mas você vai tomar a primeira comunhão, e aí você está livre para ir para o céu, porque você está zerada e tal. E eu falei, uai, se eu tô zerada, eu vou morrer logo. Porque... Enquanto eu estou zerada. Porque se eu começar a fazer bobagem, vai começar a fazer conta ruim, e eu não vou para o céu. Você já imaginou o raciocínio do menino de 11 anos de idade? Você fica debaixo de um ônibus, e fala, não, eu vou lá para o céu, porque agora que eu estou de boa lá. Gente, que terror! Que terror! E aí, no dia da primeira comunhão, eu



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

vestida... Tem uma fotografia de eu vestida de freira. Cara, nunca antes na história desse país. O quê que é isso? Eu vestida de freira, rezando com aqueles olhos fechados, profundo, aquela consternação. E tinha os negócios de Semana Santa, que tinha uma música que tocava o terror. Tocava o terror. A música era assim: Pecador, agora é tempo... Você só vai encolhendo, né. De constrição. Que que é isso, gente? Pelo amor de Deus! Não peço mais, não vou nem roubar aquele doce. Pode guardar, não quero saber de nada. Mãe, menti para você. Mãe, falei que não fui na aula e não fui. Cara, então... Assim, é o terror total. E na hora da primeira comunhão, que não pode mastigar, porque senão sai o sangue de Cristo. Gente, é um pedaço de casquinha de sorvete. Se você morder, sai sangue. Eles fizeram ketchup aqui no meio, alguma coisa. Como é que vai sair sangue disso aqui? Deus castiga, porque pregou no céu da boca. Aquele negócio... Eu nervosa, né? Aquele situação, o negócio é seco. Pregou no céu da boca. O que foi, minha filha? Não. Então, assim, inferno lá vou eu, porque tudo que era para ser feito, eu não fiz. O que eu fiz, fiz errado. Não é possível uma coisa dessa. Não tente salvação, porque não adianta dízimo, porque não vai rolar. Então, a questão religiosa na escola marcou muito, né? Do ponto de vista de professor que marcou, tiveram duas que me marcaram. Uma professora chamada Olga, de Português, que eu gostava já de escrever e tal. Eu escrevi e tal. E um dia eu achei que tinha feito uma coisa maravilhosa e tal. Ela falou que queria conversar com vocês em



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

particular sobre a sua redação. Falei: Nossa, dias de glória, estou feita, é o sucesso chegando. Ela falou: por que você escreveu?... Mas acabou com o meu texto. Falei: gente, minha senhora, foi tudo de melhor que eu podia. E ela acabou comigo, mas, assim, depois, muitos anos depois, acho que ela já morreu. Eu encontrei com ela, com um monte de livro publicado, principalmente o livro didático, que foram adotados lá no Emmanuel, eles me chamaram lá para mostrar para as crianças da escola que uma professora... Sabe aquele negócio que falam assim na escola? Se você estudar bastante, nessa sala pode sair um presidente da República. Saiu a escritora do livro que vocês estão... Gente, *menas, menas, menas, menas*. A aí a Olga estava nesse dia, ela chorou. “Eu lembro de corrigir sua redação.” Falei: eu também lembro, também lembro. Então, se fosse por você, eu estaria destruída na minha vida escritora. E uma outra professora, Dinamir, que a gente chamava ela de Dinamite, que era professora de História, que era o livro didático do Sérgio Buarque de Holanda, que era interessante, gostava muito do livro, mas ela transformava tudo em questionário. E tinha que decorar... Sabe aquele negócio? Passa 30 questões... Eu vivi, eu vivi. Passa 30 questões no quadro, responde, e ela vai sortear 10 para responder na prova. E com a resposta que ela corrigiu. Quer dizer, se você escrever de uma maneira que dá a ideia correta, mas não é o jeito que ela escreveu, está errado. Então, você tem que decorar a pergunta e a resposta, a pergunta e a resposta, 40. E dá sorte das



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

que você lembrar, serão as que caem. Então, a minha memória de história, ensino de história, é contar história, porque eu gostava, mas tinha um trabalho sistemático de fazer a gente não gostar. Até se resistir e continuar gostando, é muito difícil. Mas a escola foi muito legal. Nessa época, eu fiz natação. Eu não queria falar isso. Mas eu sou campeã brasileira de natação no estilo peito clássico. Então, cara, eu tinha umas 300 medalhas. E sumiu tudo, não sei o que aconteceu, o menino brincou, o cachorro comeu. Mas nessa época, por que isso compõe? Porque o esporte ajuda a gente a ter disciplina. Então, pasmem, senhores e senhoras. Eu nadava 15 mil metros por dia, 15 quilômetros, uma piscina de 25 ou de 50. Você já imaginou o que é ir e voltar e não ir para lugar nenhum? Quando chegou, nos 15 anos, eu falei: Gente, eu já fui na Europa, eu voltei nadando, não conheço nada além desse quadrado dessa piscina, parece que é meio besta isso aqui, né não? Aí larguei de mão da piscina. Mas assim, a disciplina da rotina de atleta, ajuda você a estudar, ajuda você se exigir algumas regras, né? Foi muito bom para a saúde e tal, mas principalmente por conta da disciplina.

E4 - Professora, você pode falar um pouquinho sobre sua adolescência, sobre esse período da juventude, se foi na mesma cidade, como que vocês jovens se divertiam na época, um pouquinho da sua vida afetiva, filhos?



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

R - A adolescência foi fazendo teatro e correndo de polícia, porque era um teatro popular né, a gente fazia, a gente falava que estava conscientizando as pessoas, um momento Paulo Freire em sua vida, não é? Você está conscientizando, como se você tivesse a consciência e fosse fazer uma transmissão automática, uma transfusão de sangue de consciência para a pessoa. Mas era o começo de uma intervenção e foi muito importante, interessante ter exercido isso, então, eu não me lembro de ter ido em festa, talvez tenha ido em uma ou duas, negócio de baile, não tenho a menor noção do que se trata e isso de fazer maquiagem, pentear cabelo e passar esmalte. Eu lembro que eu passei esmalte, em geral, quando eu casava, eu passava esmalte. Então, uma vez a cada cinco, seis anos. Gente, isso não é coisa de contar, né? Mas é que o negócio é uma agonia, então, o que era a ideia adolescente, de cor de rosa e tal, essa parte eu pulei. Por isso, eu não sou homossexual, sem absolutamente nenhum problema com isso, mas eu sou hétero, e eu sou, até hoje, sistematicamente cantada pelas mulheres homossexuais por conta desse meu jeitinho doce de ser, entendeu? Então, até explicar que berimbau não é gaita, elas já montaram no meu cangote. Não, deixa eu falar amiga, amiga, amiga, está faltando algo, por favor. Vamos continuar na solidariedade feminina, mas pula essa parte. Mas realmente, eu não sei o que é esse departamento, sabe? Cara, quando eu comecei a dar aula, eu comecei a dar aula com 18 anos, porque eu já tinha filho, eu casei





## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

com 16, não estava grávida, foi um episódio, a minha menstruação atrasou, e aí, nossa senhora, tem que casar! Nossa senhora, tem que casar! Nossa senhora, tem que casar. Não, vamos esperar, vamos esperar, vamos esperar. Aí, atrasou dois meses, eu falei: Olha, nós vamos ter que fazer alguma coisa! Aí, marcamos de conversar com a minha mãe, né? Mãe, nós vamos casar, 16 anos, né? Minha mãe: Que que foi? Você já almoçou? Que que você tá falando, negócio de casar? É, nós vamos casar, duas horas depois, eu fiquei menstruada, eu falei: Mãe, deixa eu falar. Repassa aí, vamos rebobinar aqui. Falar o quê? Ela não sabia que eu tinha vida sexual, aí ia ficar naquela... aí casamos. Eu ganhei, na época da escola técnica, na adolescência, tinha um concurso da Academia Brasileira de Letras de Monografia. A primeira edição desse concurso, eu ganhei aqui em Goiás, ganhei o seleção na escola, seleção em Goiânia, seleção no Estado e foi para um encontro nacional de dois ganhadores de cada um dos estados, né? E eu fiz uma monografia sobre O Alienista, monografia, assim, umas cinco páginas comentando o alienista do Machado de Assis, e aí, o prêmio era uma caderneta de poupança de 10 mil reais. E eu vivi uma polêmica, uma contradição, uma decisão que é costumeiramente um ditado popular. Pessoas falam assim, eu não sei se eu caso, se eu compro uma bicicleta. Foi exatamente essa a minha dúvida. Eu queria muito ter uma bicicleta, mas eu peguei o dinheiro e casei, com 16 anos. Ai, meu Deus do céu. Então, aí, nesse prêmio que a gente ganhou, foi todo



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

mundo para o Rio de Janeiro. Duas pessoas de cada estado, foi eu e a Ângela Carpec, que foi professora aqui na aplicação, professora de educação física. E nós fomos nós duas de Goiânia, para o Rio de Janeiro, né? Com ônibus, com todos os meninos, dois de cada estado, com a mulher cantando “Esse é o Brasil que vai para a frente, País que vai para a frente.” A música, durante a ditadura, era um evento da ditadura, e a gente lá no meio, a hora que a gente ligou numa pessoa, eu falei: Ângela, nós estamos no negócio da ditadura. Você acha? Eu acho. Cara, aí tinha um almoço com um chá com os imortais, na Academia Brasileira de Letras, um chá com os imortais e era um chá mesmo. E a gente falou, vamos fazer uma subordinação, uma desobediência a esse mesmo. Nós derrubamos o chá de propósito na mesa. Meu Deus do céu. Aqui não, aqui é juventude revolucionária. O que vocês estão falando? Vocês estão na Academia Brasileira de Letras, paga pela ditadura. Mas assim então, aí você vai sendo irreverente, do jeito que dá conta, sem entender muito bem o que você está fazendo, mas você vai, então adolescência foi meio contravenção, entendeu? Que não era muito esperado, minha mãe falou: Gente, tadinha, doidinha para arrumar um casamento, bão acertar na vida. E eu, irru, tadinha.

E1- O nome da sua filha é... Você tem uma filha?



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

R - Tenho um filho que nasceu desse primeiro casamento, que é o Pedro, tem 45 anos de casado, me deu um neto lindo, que se chama Igor, e tem uma filha de 27, que está há quatro anos morando em Portugal, ele fez engenharia mecânica, ela fez cinema e audiovisual na cidade de Goiás. Está lá em Portugal, terminando o mestrado em fotografia e trabalhando na gastronomia lá, está embainhando pelo canto da gastronomia, está lá. Ela é filha do segundo casamento, em que provavelmente a única coisa boa que aquele homem fez na vida foi me ajudar a ter ela, porque é um bandido, virou um caso de polícia, é uma história terrível. Aí o que acontece? O pai do meu primeiro filho, que é meu amigo, adotou ela como filha, entende? Então eles são pai e filha, e a gente, obedecendo à terapia, que manda matar a pessoa, nós matamos psicologicamente, queria até ter matado não só psicologicamente, mas ia ser presa, e a Vanessa ia ficar sem mim, ia ser pior. Então é uma reordenação da ideia de família bastante engenhosa assim.

E1 - Então essa é a primeira etapa da nossa... A gravação está ok? Essa é a primeira parte, nós finalizamos aqui, e na parte dois nós entramos, então, nessa seara do título do nosso projeto, que é professoras e professores que atuam ou atuaram no campo do ensino de história, seja ensinando, pesquisando, falando politicamente. A primeira questão, professora, seria sobre a sua decisão profissional, como foram essas escolhas, você já falou um



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

pouco sobre isso, mas se puder desenvolver mais, o que você lembra das principais vivências que marcaram essa formação inicial, e o ensino de história, onde que ele entra nesses caminhos, por termos identificado na sua produção, na sua atuação, nós gostaríamos muito de ouvir a sua narrativa, como o ensino de história aparece nessa trajetória especificamente?

R - Eu comecei o curso de história meu filho tinha um ano e meio, então o curso de quatro anos eu levei sete anos para fazer, porque trancava porque não tinha como deixar o menino, trancava porque tinha que trabalhar, então, assim, o meu percurso todo por sustentar a família, e depois a militância também ocupou muito tempo, a minha formação foi muito mais demorada, do ponto de vista dessas etapas formais, do que todo mundo na turma que eu entrei. Para vocês terem uma ideia, o José Marques, que foi meu colega de graduação, estava na minha banca de doutorado, tendo já concluído o doutorado há uns quinze, dezoito anos, então eu fiz doutorado EJA, total. Quando eu comecei o doutorado, eu falei: Gente, eu vou estudar, é o máximo! Eu vou estudar, não vou falar nada, eu vou só escutar, vai ser o máximo! Faltou comprar lancheira, sabe? Nossa, que máximo! Quando eu cheguei, aquela meninada... Falei... rejuvenescendo... é isso aí! Mas foi tudo muito movido pelo mundo do trabalho, né. Então assim... eu comecei... eu entrei para o curso de História porque eu gostei, sempre gostei de História, aquela



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

História assim... não era tanto uma interpretação política, mas era coisa... eu quero ser arqueóloga e ir para o Egito e tal, que é umas fantasias, mas depois você entra e vai se identificando e tal. O curso era muito conservador ainda, os professores que mais estruturavam o curso eram Gilka, professora de História do Brasil Colonial, História de Goiás, o Palacin, então era uma vertente extremamente positivista, então a gente foi formado muito, eu nunca li um livro de Marx na universidade, eu li Marx na militância. Nunca li Marx e não dá para entender história, você não precisa concordar ou discordar e será a única coisa que você vê, mas eu sou marxista, mas formada na militância, na militância, inclusive no movimento estudantil. Então eu entrei para o curso muito curiosa, mas o movimento estudantil era... tirava a gente da sala de aula, na verdade a gente enrolava muito professor usando o argumento do movimento estudantil e tipo assim, você chega para o seminário, né? Você não tem a cópia do texto, você não pegou o texto, nessa época... pasmem de novo, senhoras e senhores, tinha uma reprografia, mecanografia numa sala daquelas lá embaixo em que os textos ficavam multiplicados e você pegava o texto, assinava a lista e levava o texto. Era uma ação da universidade de disponibilizar o material reproduzido, né, não tinha empresa que trabalhava com isso dentro da universidade, então eu comecei num tempo e cheguei nesse tempo que a gente tem hoje de tudo ser absolut... você tem que fazer seu papel higiênico, né, então e aí eu comecei o curso como um todo e comecei a dar aula... eu



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

passei no vestibular em janeiro, a aula ia começar em março, eu comecei a dar aula em fevereiro... porque eu tinha filho pra criar, numa escola particular que uma amiga minha dava aula, que arrumou as aulas lá pra mim, eu falei: “O que tiver de aula, você me arruma lá”. Aí tinha umas quatro de história, umas quatro de geografia, quatro de educação para o lar, você imagina o que é essa pessoa dando aula de como organizar o lar? Cara, nem Freud, nem Freud explica, e um negócio chamava Técnicas Comerciais, isso tudo é currículo da ditadura, né. E aí eu decorava, eu não tinha tido uma aula de História, comecei dar aula de História, eu decorava o conteúdo do horário do dia seguinte, se chegasse lá e mudasse o horário, eu tava lascada, porque eu tinha decorado o material da quinta série, aí, e vou eu, né... um dia dando uma aula sobre Egito, decorei o negócio dos faraó, múmia, aquele negócio pra ser aquela coisa exótica, aprender pelo esquisito e tal, passar medo nesses meninos e tal, aí tô lá, uma escola de gente rica, chamava Veiga Vale, lá no Jaó, só gente rica, filho de governador, secretário, só gente rica. E eu lá, no meio daquele povo, né? Aí eu tô lá... “então o Tutankhamon, não sei o que do faraó”... aí um menino pentelho levanta a mão assim, já com aquela cara assim, vou te pegar, do que que o Tutankhamon morreu? Falei: “Meu filho, qual que é o seu problema? Como é que eu vou saber quatro mil anos atrás do que que o cara morreu?” Isso eu pensei, mas eu falei: “Deixa eu te explicar... sabe que são os hieróglifos que é a escrita dos egípcios, vocês já sabiam, e os egiptólogos



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

polemizam a tradução dos hieróglifos da tumba de Tutankhamon para saber do que que ele morreu, ainda não tem uma verdade consensuada entre as pesquisas”. Mentira! Era falar, olha! Primeiro, pra que que você quer saber disso? Pra gente entender a questão da saúde no Egito Antigo, tudo bem, mas pra ser um dado episódico não serve pra nada, porque isso é positivismo. Quem que disse que eu sabia o que que era? Eu só queria não passar vergonha, e aí, no outro dia, esse menino chegou com a fotografia escorado, passou as férias, ele sabia tudo no catálogo que o turista deu pra ele. Cara... humilhação... pobre sofre até dando aula... cara, uma coisa terrível... então, assim eu comecei a dar aula. E aí, você vai enfrentando isso, vai tentando disfarçar o que você não sabe, na verdade, era fazer uma discussão que eu não tinha elementos pra fazer, mas, na verdade, eu reforcei, né... uma concepção positivista, uma bobagem, mas você vai, quebrando a cara e aprendendo, né? Então, dei aula desde antes de começar a assistir aula no curso de História. Acho que eu tinha mais alguma coisa pra falar, mas eu não lembro o resto da pergunta.

E1 - É isso mesmo, a Bárbara vai dar sequência agora, aproveitando o gancho. Bárbara?



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

E2 - Bianca, a gente quer saber quais foram as suas principais referências organizadas no início e ao longo da sua trajetória? Quais foram as suas principais atividades e ações no início e também ao longo da sua trajetória na docência? E qual é a sua relação com a educação básica?

R - De trás pra frente. Eu sempre trabalhei em escola pública, eu comecei a dar aula em cursinho, você vai... as pessoas vão te conhecendo, e tem aqueles negócios que, nessa época, era muito cursinho com o professor que dá lobo, capaz que ainda tem isso hoje, né? Então, uns cara de cursinho, me descobriu, parecendo você andando no shopping e descobrem você pra ser modelo, aí descobri que eu dava as aulas que o povo gostava. E aí fui parar numa escola particular de cursinho, daqueles que é um negócio mais alto assim, que você dá aula com microfone numa sala de 300 pessoas, mas realmente não deu. Eu dei aula numa escola particular que se chamava Parda, na época, hoje chama Anima, e aí eu saí dessa escola do Jaó e fui pro Parda e dei aula lá, as primeiras aulas mais sistematicamente no campo da História, foi lá que eu dei. Então, era muito ainda esse esquema de aprender o conteúdo de noite pra dar aula de manhã, e depois, eu com 18, 19 anos, comecei a dar aula no ensino médio de Literatura, tava faltando professor de literatura e faltando a conta de luz pra pagar, eu falei, manda que eu pego, eu só não vou dar aula de inglês porque *the book is on the table* é o meu limite,





## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

então, mas literatura, o que que acontece? Eu tinha alguma coisa de história, então, eu ficava dando aula do contexto histórico da corrente literária o tempo inteiro, quando perguntava do que que morria, o pessoal parnasiano matava tudo de tuberculose, então, eu ia assim, eu dando aula pro povo da minha idade, você imagina o que que é isso! A situação que você tem, o jogo de cintura, então, sala de aula é um negócio que você tem que... você aprende a se virar. Uma coisa que não sei se vocês já viveram, eu vivo isso o tempo inteiro, muitas vezes, hoje ainda, que você lê o texto, preparou e tal, não sei o que, quando você organiza a cabeça pra falar, parece que o texto fica mais organizado, porque alguém tem que entender o que você tá falando, então você tem que ter entendido pra falar. Aí você tá no meio da explicação, então assim, assim, a ta nan nan... é mesmo, gente! Olha, gente! Então, assim, dar aula te obriga a organizar a cabeça. Então, isso me acompanhou muito a vida inteira, né? É... na faculdade, eu enrolei mais que estudei, assim... as coisas que eu tive que correr atrás, quando eu fui fazer o mestrado, porque eu não tinha estudado na graduação, fez gastar metade do tempo no mestrado. Por quê? Porque eu ia pro movimento estudantil, a professora falava: “no seminário de tal texto, todo mundo pega a cópia! Quem vai começar? O grupo tal (que tava eu) vai começar a falar”. Eu não tinha lido o texto, não tinha pego o texto, que tava em assembleia, reunião, movimento, visitando sala, reunindo, e não sei o quê, aquele negócio todo. Aí você pega e fala assim: “tudo bem, a



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

gente se preparou, eu vou falar sobre o texto, queria fazer só um parênteses, só um pequeno comentário... a Xerox é uma empresa multinacional, que está aqui pra controlar nossas cabeças! Eu não sei o quê"... já ensaiado com o outro, pois é, não sei o quê! Gastava o tempo... a professora: "Tô sacando, gente, o que vocês, ninguém leu né?" Então, um monte de coisa ficou faltando porque eu enrolei, não enrolei simplesmente, mas uma coisa que eu aprendi é que uma coisa não exclui a outra, você pode ser militante e tem que ser estudante, se você quer uma universidade melhor, essa que você tem, você tem que dar conta, né? Mas até descobrir isso, eu já tinha colado o grau. Então, foi passar o apuro. Então, assim, e referências, como eu... Ai, cara, é uma coisa terrível, Sérgio Paulo, grande professor de História do Brasil, foi a única bomba que eu tomei na faculdade, era semestral, né? Era... na época... era créditos, que é invenção da ditadura, pra compartimentar, não deixar formar a turma, né? E o Sérgio Paulo tinha a fama de não ler as provas do povo. E eu falei... "vou testar". Olha, eu não tinha estudado nada, tava enrolando, enchendo linguiça no texto, e aí, escrevi no meio do parágrafo, da mesma letra, continuidade normal, escrevi assim, "acho que o Sérgio Paulo não está lendo essa prova, se ele estiver lendo essa prova, quando ele for me devolver, ele vai falar alguma coisa." "Então, depois, na República"... ele continuou normal, e ele não falou nada, e me reprovou. Cara, não façam isso em casa, por favor. Não é coisa pra ensinar pros outros. O cara, grande



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

professor, você entendeu? Então, assim, eu não entendi que o curso que eu tava fazendo ia me ajudar a pensar o mundo, não. Eu achava que pensar o mundo era só na militância, fora da sala de aula. Uma bobagem, um atraso, e custou caro. Então, referências, assim, de leituras, o Le Goff é um cara que eu consegui ler bastante, ou razoavelmente. Florestan Fernandes, outro cara que me ajudou muito a pensar. E Marx, que eu li... fora, fora da formalidade acadêmica, eu li na militância. Marxistas, Gramsci, marxistas de uma forma geral, eu entrei para o PCB com ele rachando. Então, eu já entrei na parte que rachou, eu entrei num mês, no outro mês eu já tava fora, num coletivo chamado Coletivo Gregório Bezerra, que era o nome do Comitê Estadual do PCB. E a gente estudava muito, tinha grupos de estudo, as células, as bases né, chamava OB, Organização de Base, que eram núcleos por campo de atuação. Então, tinha o núcleo, tinha a base das ciências humanas, tinha a base da engenharia, e aí formava o movimento estudantil do partido na clandestinidade. Passamos muita situação difícil com clandestinidade no movimento estudantil. Corri muito de polícia, já tive polícia, a gente pichando o muro de madrugada, polícia colocar revólver na cabeça e mão pra trás e tal, não chegou a ser preso, mas isso aconteceu várias vezes. A gente... de polícia correr atrás de carro da gente, de pichar muro de madrugada em porta de empresa, em garagem de ônibus, em muro de indústria. Então, assim, a militância consumia muito... o problema é que não precisava não estar na sala



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

de aula pra fazer tudo isso, né. E aí, o campo da ideia de estudar História cresceu muito mais com o significado que a História foi adquirindo a partir da militância do que pela universidade. Porque a universidade era extremamente positivista. Eu lembro que quando eu fui defender o mestrado, em 96, cara, não tem, acho que você sabe dessa história, não tem novidade nenhuma em história oral em 96, era uma coisa, né, mas Goiás tinha pouco. E eu entrevistei de uma [inaudível] os Caiado e o Palacin me reprovou na qualificação, dizendo que cadê o documento? E eu levei um pacote de fita desse tamanho, porque eu sabia que ele ia falar, os documentos estão aqui, estão transcritos. É documento. Não, isso aqui não é documento, isso aqui é conversa, conversar, qualquer um conversa, quer dizer... 96 reafirmando uma concepção positivista, uma ideia de método e fonte em História totalmente já confrontada, né, e foi sempre muito confronto, sabe... sempre foi muito confronto. Para vocês terem uma ideia, eu fiz seis concursos para trabalhar nesta faculdade. Seis. Eu sempre passei em segundo. O que que acontecia? Enquanto não estava na banca uma professora que, Deus se existisse que a tenha, chamada Dinalva, ela era do PCdoB, e ela nunca deixou eu passar, porque ela sabia que eu ia ser uma força que ia confrontar com o PCdoB dentro da universidade. Ela fingia que estava dormindo na prova didática... imagina a prova didática, você falando pra três professores, professores numa aula fictícia, que já é um constrangimento, e ela fingia que estava dormindo. Quando ela não esteve na



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

banca, não que as outras pessoas que passaram não merecessem, não é nada disso, mas é muita coincidência. Então, foram seis concursos para eu passar no sexto, passar para essa disciplina, em primeiro lugar, na primeira vez que ela não estava na banca. Então, é luta política com pessoas que são próximas e com o projeto hegemônico. É o tempo inteiro, né? É o tempo inteiro.

E1 - Vamos retomar a entrevista, então, com a parte 2, dia 2 de abril de 2025, às 11h28s. Indo para a parte final da entrevista, professora Bianca, que eu comecei chamando de Miriam e terminei chamando de Bianca, nós colocamos as seguintes questões. Se você puder relatar as ações que considera significativas nas instituições, associações de classe científica, você já mencionou algumas, mas caso tenha alguma associação que não tenha sido mencionada. Também um pouco sobre publicações na área do campo do ensino, como você se identifica e quais você considera marcantes. E também desafios para o campo do ensino de história, dos quais você participou, né? E enfrenta ainda no tempo presente. Então, seria isso, as publicações, os desafios e a participação em associações científicas do ensino de história especificamente.



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

R - Algumas coisas que eu acho que vale a pena ser registradas é como é que o ensino de história ocupa tanto espaço na minha vida. Primeiro eu comecei a fazer História e não fiz concurso para dar aula em História, lá na História. Nunca fiz concurso lá. Por quê? Hoje não é esse o quadro, por várias razões, mas na época que eu estava fazendo concurso, há 30 e poucos anos atrás... eu tenho 46 anos de sala de aula. Estou brigando com essa universidade para ter direito a ser titular, que eu já poderia ser há mais de 4 anos, e é uma briga na justiça que dura 8 anos. É nitidamente uma sacanagem política, né. Então, eu não precisava estar aqui mais, o que eu quero fazer daqui para frente é cinema, articulando História, Educação e ensino de História. Essa rotina acadêmica é importante, mas eu já cumpri tudo o que precisava cumprir e eu quero fazer outras coisas, e a universidade está me punindo pelas posições que eu assumi ao longo do tempo, né. Mas por que eu não fiz concurso na História? Porque eu achava muito distante do cotidiano da sociedade. As pessoas ficavam lá, falavam pelas mesmas, eu pensava, poxa, na Educação parece que está mais direto na sociedade, a faculdade é lá no meio da cidade, né. Durante o Movimento Estudantil, a gente brigou para isso aqui não desaparecer, porque fazia parte do acordo MEC-USAID, a desativação completa do campus aqui e levar tudo para o campus Samambaia, como parte das políticas estabelecidas pela ditadura, para separar a universidade da cidade. Então, você faz uma manifestação lá, eu já fui para a delegacia



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

algumas dezenas de vezes, quando a gente estava fazendo a luta pelo passe estudantil, e a gente pulava catraca. Quando você saía do campus até chegar no centro da cidade para fazer uma manifestação, é impossível. Então, era parte do projeto da ditadura tirar, e eles continuaram executando isso, e na década de 80 eles queriam vender isso aqui tudo pra Encol, que é uma empreiteira que faliu falsamente para dar cano nos outros, e desativaram tudo, e a gente conseguiu que não acabasse isso aqui. Foi luta muito dura, apesar do PCdoB ter feito acordo por fora, mas a gente conseguiu não levar. Então, a faculdade de educação, me parecia... a Faculdade de Educação hoje já não cumpre esse papel, por que hoje tem uma posição política de subserviência ao governo, a reitoria, uma posição que eu realmente não consigo participar, mas a faculdade de educação sempre foi um lugar de encontro dos movimentos sociais em Goiânia. Olha, tem que assembleia de, não sei o quê, onde é que faz? Faz numa sala lá da Faculdade de Educação. Então, sempre foi um espaço. Eu escondi de polícia aqui dentro já, porque na época não entrava polícia aqui. A gente, num ato público, eles... a polícia cercou aqui e a gente ficou aqui dentro horas, horas, horas, até negociar sair e tal. Então, a faculdade de educação, pelo conteúdo, pela localização, por lidar com a escola parece que mais diretamente, é... não que não tenha a atitude hierarquizada, arrogante da universidade, da faculdade com a escola, ainda tem, mas eu via mais isso. Então, eu não quis fazer concurso na História. Eu fiz concurso pra



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

cá. E aí começou o conflito. Eu sou da Educação? Eu sou da História? Eu sou da Educação? Eu sou da História? Aí eu tive que pensar na relação entre as coisas pra entender que não é um campo em disputa. São enfoques que você tem para o mesmo objeto a partir de referências que se completam, se confrontam, contradizem, mas se articulam. Então, até eu entender que não havia... a Ana Maria Monteiro, lá do Rio de Janeiro... Uma vez eu vi uma fala dela no encontro da Anpuh, que me ajudou a entender isso. Era História Educação, uma zona de fronteira. Quer dizer, por que a gente disputa o objeto? Isso aqui é da História da Educação? Ah, não, isso aqui é do ensino de história? Para com isso, esse roteamento idiota de objeto, né. Os pensadores que nos ajudam a produzir, teoricamente, em torno, não são necessariamente da História. Uma briga que eu tive dentro do curso de história durante um bom tempo é porque o povo dizia que o Marx era um economista, por isso que não tinha Marx no curso de história. Cara, onde é que você nasceu, meu? O que você está falando? Quer dizer, então assim... Aí eu vim aqui para o curso eu fiz o concurso para Pedagogia porque, para mim, isso vinculava mais à escola, vinculava mais à vida real, estava mais disponibilizado, porque, por exemplo, o curso de história já produziu tanta coisa interessante, com mais de 50 anos de trabalho, tem muita coisa muito legal sobre Goiás, e a gente tem a maior dificuldade do professor ter acesso a material que chega na sala de aula, que não fala que bandeirante descobriu Goiás, nem que o Pedro Ludovico era um





## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

homem à frente do seu tempo, os livros didáticos faz tudo isso. Então, vim para cá, mas constatei que a luta era a mesma, a luta era a mesma. Quando eu cheguei aqui, em 1995, eu dei aula no Campus de Catalão e depois fiz um concurso e passei aqui, vim para cá. Saí da rede municipal, saí da rede estadual, porque eu sempre trabalhei em rede estadual, rede municipal, até ficar a dedicação exclusiva aqui. Quando eu fui fazer averbação do tempo de trabalho para poder contar para a aposentadoria, descobri que o Iris me exonerou quando eu pedi exoneração como servidora administrativa. Eu tive que fazer um processo extremamente difícil, cansativo, porque eu era do movimento, eu era na linha de frente do embate e tal. Ele me exonerou, sacaneando comigo e só descobri isso no processo de averbação para a aposentadoria. Então, é luta o tempo inteiro, entendeu? E não foi diferente quando eu cheguei aqui. Quando eu cheguei aqui, tinha quatro aulas semanais de Matemática, quatro aulas semanais de Português, três aulas de, na época, Estudos Sociais. Sendo que duas eram aulas que estavam dentro do horário semanal. Uma dessas aulas tinha que juntar quatro aulas ao longo do mês para dar uma aula sábado de manhã para compensar. Quer dizer, é exclusão das ciências humanas, era uma concepção de currículo da Revolução Francesa, ensinar a contar, ensinar o nome. Então, quando eu cheguei, já travei uma luta enorme. Hoje, a disciplina chama-se Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências Humanas. Não é nem História e Geografia,



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

não é Estudos Sociais e não é Didática e Prática, é Fundamentos e Metodologia para resgatar o conceito de ciência e restabelecer o direito das ciências humanas serem reconhecidas como ciência. Aqui, no final dos anos 90, começo dos anos 2000, eu tava nessa luta. Aí todas as disciplinas chamam-se Fundamentos e Metodologia. Não é História e Geografia, é a área de Ciências Humanas, porque a gente considera que o objeto... Você vai estudar o município, ocê tem Antropologia, tem Ciência Política, tem Sociologia, então a gente pensa o objeto interdisciplinarmente, considerando as ciências da área de Humanas como a área de Humanas, não é História e Geografia. A carga horária é equalizada, eu ouvi de um professor de Matemática que dizia assim: “Olha, mas matemática tem que ter mais carga horária, porque a matemática é o azeite do cérebro!” Falei, nossa, não deixa esse menino pensar que vai esquentar e vai fritar, não faz isso com ele, não. Então, olha a concepção. Eu achei que estava escapando de uma, e aí você vai percebendo que é luta o tempo inteiro. Então, eu consegui entender que eu não tinha que fazer a escolha entre a História e a Educação, que é uma articulação e é luta política. No campo do ensino de História, algumas coisas que eu acho importante registrar. É “pato feio” até surgir um Rüsen. É coisa menor até que um teórico do campo, reconhecido como teórico do campo da História, colocar a ideia de ensino de História como objeto de historiador. Enquanto a gente já tinha pelo menos uns 30 anos de enfrentamento à



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

discussão teórica no campo do ensino de História. Então, assim... essa hierarquização que a gente ainda respira entre licenciatura e bacharelado, entre pesquisa, ensino e extensão, isso é meritocracia acadêmica. E eu enfrento isso como princípio teórico e luta política o tempo inteiro. Isso fez, por exemplo, a gente abraçar a tarefa de escrever livro didático sobre Goiás. Esse aqui foi o primeiro. A primeira vez que a gente escreveu um material desse, que a gente fez... É um livro que... Foi a primeira versão, depois a gente escreveu mais um monte, e tem outros livros de história regional, de história dos estados, que a gente foi escrevendo, que a editora foi solicitando. Mas a primeira versão desse livro a gente escreveu como uma apostila quando eu trabalhava na prefeitura. Quando eu vim, e aí circulou como material para o professor, para a prefeitura, tem música de compositor goiano, a gente trabalhou com muita... Para a gente era coisa nova né, a música não ser ilustração, ser objeto, a imagem não ser ilustração, ser ponte. Então, a gente foi tentando exercitar isso. Quando a gente chegou, quando eu cheguei na universidade, em 1995, esse material foi de 1992, aí eu falei, vou pegar esse material, levar para a editora da universidade para fazer um convênio prefeitura-universidade e ter livro para os professores. Não precisa pagar nada para a gente, faz parte do trabalho, está tudo certo. O livro ficou 14 anos sendo adiado a publicação, 14 anos... todo ano... atualiza os dados que a gente vai publicar esse ano, eu corria, diminuiu o tanto de índio, indígena. Gente, o



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

capítulo indígena vai ser “em memória”, porque até hoje eles não publicaram esta acabando. O que aconteceu? Uma editora grande, que é a FTD, ficou sabendo que esse material estava engavetado, a gente achou, a princípio, que a gente era o máximo, a editora grande está gostando de nós. Não, eles acharam um flanco de mercado, que tinha um buraco. E pegaram o livro e aí publicaram, e foi essa edição. Ele foi para... E aí depois eles pediram, a gente fez sobre o Tocantins, fez do Instituto Federal, fez Pará, fez Bahia, Estudei esse trem para caramba. O último que a gente fez, regional, foi da Amazônia Legal, que foi o único livro aprovado no PNLD para todos os nove estados da Amazônia Legal, e era um livro só, e nesse a gente conseguiu colocar antropologia, sociologia, ciência política, história e geografia, pegou alimentação, pegou palavra, pegou cultura popular. Um livro que foi o último, foi muito mais rico do que esse. Mas o que acontece? Duas coisas. Primeiro, foi um barato. Um barato, uma coisa que eu acho que... Alguma coisa que a gente faz presta para alguma coisa. Porque esses livros foram editados, eles entraram para o PNLD três vezes até a BNCC limar a questão regional. Porque antes tinha um livro regional junto com a coleção que o pessoal escolhia. Não tem mais. Agora uma editora me chamou para escrever um livro sobre o centro-oeste. Abriu um edital para a região, que é uma coisa... que é uma atrofia, porque a identidade regional da gente com Mato Grosso não há. A gente com Brasília não há. Então, vai ser um fake esse negócio. Mas como



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

houve muita crítica, vocês arrumaram um meio e termo. Mas o livro... E isso tem tudo a ver com a retomada do projeto hegemônico de nação, nacionalismo exacerbado, protofascismo, que nega as regiões para afirmar a ideia de nação como um projeto homogêneo e hegemônico. Então, por isso que os livros regionais dançaram. Mas enquanto eles existiram e circularam, esses livros, nos nove anos que eles foram para o PNLD, a cada ano, dois milhões de crianças usaram esses livros pelo Brasil afora. Cara, é uma contribuição. Não é para ...”eu fiz o livro”. Não! A gente ganhava era dois centavos, dois centavos! por livro que o MEC vendia. Dois centavos!E ele foi vendido também para a rede particular. E eu passei muito constrangimento por isso. Porque na rede particular, na livraria, ele custava, na época, 2008, custava 130 reais. Caríssimo! Caríssimo! Um dia eu cheguei toda achando que eu era Gisele Bündchen dos livros didáticos. Falei, tem esse livro da Miriam Bianca? Tem e tal. Quanto que é? 130. Falei, meu Deus do céu. Quanto a livraria ganha? 35%. Falei “Cacilda!”... Esse é um ponto, então, você faz isso... A contrapelo do mercado, foi uma luta muito grande com o editor, porque não tem uma questão de assinalar, complete o V ou F, não tem uma descrição, o tempo é objeto, mas a cronologia não é trabalhada como objeto de memorização, fala da transferência da capital, por exemplo, mas não faz uma exaltação do Pedro Ludovico, coloca... A gente tentou pegar o que a universidade produz e de alguma maneira, disponibilizar com a versão que a universidade já tem... já



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

desmontou o Caiado coronel de 180 anos aqui, que faz comemoração de 300 anos da chegada do Anhanguera, comemora a chegada, como se Goiás não tivesse o homem cafezal de 11 mil anos lá na Serranópolis. Que papo é esse? Goiás começou a existir, Goiás passou a ter gente com a chegada. Então, a história é reensinada, reescrita, reeditada, com essa versão formal, hegemônica, o tempo inteiro. Então, a gente tentou fazer um contraponto. Problema dentro da universidade? Ela ignora, desqualifica, isso não pontua, isso não dá lbope, isso não te dá carreira. E, apesar de tudo isso, a gente não deixa de fazer. Durante a pandemia, a Cristina [Helou] e eu fizemos três coleções. Uma de história, de 1º a 5º ano, outra de geografia, 1º a 5º ano, e uma que eles queriam que fosse um negócio de projeto de vida, e a gente juntou filosofia, sociologia, ciência política e antropologia e fez quatro unidades de ciências humanas e filosofia que devem estar em processo de edição e estar em processo de elaboração. A gente estudou muito! A coisa mais complicada que eu já fiz na vida, no campo do ensino de história, no campo da minha atividade acadêmica inteira, é ser compreensível para uma criança sem achar que ela é boba. Ser complicado e inacessível é lindo. Você pode citar dez autores, quatro alemães, três franceses, e as pessoas falando, nossa que fala maravilhosa, que pessoa incrível, sabem demais. Você entendeu? nada mas ele é demais. Para que serve isso? Isso é arrogância, em última instância, ignorar que o conhecimento é produção coletiva da humanidade inteira. Então



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

arrogância, no mínimo burrice, ignorância. Então, agora você explicar o que é o processo de escravização de uma pessoa por outra por conta da cor da pele e do lugar que nasceu para que ela seja desconsiderada como humana, para uma criança de oito anos de idade e sem ser idiotizante e sem ser inacessível, é o maior problema que a gente tem. E a gente peitou isso e alguma coisa funcionou, mas a universidade simplesmente ignora, desconsidera isso como produção acadêmica. É subsolo do submundo, inclusive no campo da história, entre nossos pares. Então, essa luta em relação à ideia de... Então, assim, desconsiderar o ensino de História como objeto de historiador só lamento, porque é um atraso de vida. Teórico, metodológico, é um atraso de vida. Porque a gente forma as pessoas, se a gente não der de cara com isso, não se preparar para isso, não que a pesquisa acadêmica institucional e tal não tenha... Claro, fiz tudo isso, fiz mestrado, fiz tudo isso, mas as coisas não podem ser hierarquizadas, porque se a gente não se preparar para o mundo real, você vai para a sala de aula com todas as teorias, pega o primeiro livro didático que alguém escolheu que não foi você, usa de muleta e reproduz aquilo, porque você não sabe como é que lida com uma sala de menino pendurado no ventilador, jogando chiclete na cabeça do outro, perguntando que hora é a aula de educação física, porque não suporta a aula de História. Então, o exercício do ensino de História é abraçar isso como desafio teórico, metodológico, e transformar isso em coisas que estejam disponíveis para



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

crítica, porque é outra coisa delicada. Você escreve um livro didático, escreve o livro e coloca na mão do professor, coloca na mão do aluno, e ele falar o que essa mulher está falando ? tem que escutar, você tem que escutar, você não sabe o que é uma sala de aula para escrever um negócio desse aqui, tem que escutar, tem que aprender. Então, ou a gente rompe com a arrogância, ou a gente perde essa oportunidade de aprender. E aprender é a coisa melhor que a gente faz na vida. Adoro chocolate, adoro passear, mas aprender revitaliza, e para aprender precisa se despir das verdades absolutas. Quando eu fiz o mestrado, foi a primeira cacetada que eu tive mais sistemática nesse sentido. Por quê? Porque eu tive que lidar, primeiro, com fontes orais que eu nunca tinha mexido, segundo, lidar com a família, uma oligarquia, e eu sempre fui de esquerda. Tive que lidar com eles com honestidade, dizer, olha, eu vim cá, a pesquisa é isso, estou querendo saber disso, assim, assim, assim. Tem que aprender a lidar. Depois, você entender que... Eu sempre fui, sou marxista e reconheço isso como espinha dorsal para compreender o mundo, mas eu tive que abrir para observar as coisas, senão eu não teria aprendido que o jeito que eles dão nome para as pessoas, o jeito que eles escolhem os cursos que eles vão fazer, que profissionalizam, tem a ver com a dominação. Então tem que estar aberto. E para lidar com o ensino de história, a gente tem que ser antes de tudo, ouvido, ouvido! em que estar disposto a pensar. Então, lidar com... E não quer dizer que não tenha arrogância no campo do ensino de história.





## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Nossa, já levei cara cacetada. Nossa Senhora! Uma vez a Kátia Abud, mas ela me jantou na frente de todo mundo, porque estava programando o próximo evento, decidindo em assembleia o próximo evento, e ela falou, então a gente começa o evento a partir das 10 horas e não sei o quê. Eu falei, gente, por que não pode começar às 8? Porque nós vamos sair lá de longe, já vão estar todo mundo aqui, começa mais cedo para render mais, isso custa dinheiro, tempo, cansaço dessas pessoas. Ela falou, é porque você não mora em São Paulo, você não sabe o que é São Paulo, não sei o que é de São Paulo, e falei minha senhora é Goiás, pequi, pequi, pequi, estou aqui. Então, tem arrogância em todo lugar. Então, é princípio, é posição política diante da vida, diante do conhecimento, diante dos projetos de humanidade, que dirigem, seja ensino de história, seja história como objeto de história do Brasil, outros recortes. O problema assenta-se antes em qual é o projeto de sujeito que você tem? Qual é o projeto de sociedade? Qual é o projeto de conhecimento? Para que serve conhecer o mundo? Então, o que eu tento fazer é exercitar essa discussão dentro do campo de ensino de história. Uma coisa que você estava dizendo, o que quer fazer agora? Agora mesmo eu quero aposentar. Totalmente, completamente. Não tem problema nenhum, gosto... A sala de aula é um troço que você chega moído e ela te acorda, te revitaliza, mas eu quero fazer outras coisas que não estejam presas a essa obrigatoriedade da burocracia acadêmica. Quero fazer cinema, quero fazer uma fotonovela de história de



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

Goiás, quero fazer uma sequência de pequenos vídeos de história de Goiás de cinco, dez, oito minutos para disponibilizar para a escola. Tem um monte de coisas que eu quero fazer, mas realmente esse mundo de prestar conta de tudo para pontuar, eu já cumpri tudo o que precisava. Eu não preciso mais estar aqui, não quero parar de trabalhar com o que me constituiu como sujeito, mas não mais submetida a essa meritocracia produtivista, individualista, privatista, que vou continuar combatendo, mas prefiro fazer isso de outro lugar.

E1: Então, para finalizar, professora, eu vou sintetizar, porque a professora já respondeu às questões. Nós gostaríamos que você registrasse, então, qual foi a sua... a impressão, a sensação de ter contado um pouco, um pouco da sua história. Sabemos que aqui são passagens de uma história mais ampla. O que representou para você contar essa história? Se teria mais alguma questão que você gostaria de acrescentar, além das questões, e, no final, então, registrar a sua autorização e o uso da entrevista para o projeto. E, um parênteses, nós acabamos não chegando no nome de uma pessoa, mas quando você falou dos livros didáticos, sobre a não aceitação na academia...

R: Ledonias.



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

E1: Ledonias, se você puder falar um pouco, no final, sobre essa pessoa e o que ela representou nesse sentido.

R: De trás para frente, Ledonias. Eu dediquei o doutorado a ela, dizendo exatamente isso. Uma pessoa que insistiu em desfazer degraus. Porque é isso que ela fez, e ela arrumou um parkinson por causa disso. Ela sofreu muito, ela foi desqualificada. Ela fez uma coleção, que chama Estudos de História, que foi a primeira coleção de livro didático que as pessoas nem chamavam de livro didático, e era um livro didático, a partir da nova história cultural. Primeira pessoa que fez uma discussão nesse sentido. Então ela repensou a noção de tempo, repensou o papel do sujeito na história, repensou o que é fonte, o que é objeto, repensou isso transposto para o campo das atividades, o volume de texto, uma coisa realmente muito poderosa, muito poderosa. Reconhecida fora e desqualificada aqui, e ela trabalhou muito nisso, e ela foi punida, não pontuando, sendo objeto de chacota. Ela aposentou precocemente, porque já estava adoecida, tamanha sem graça que ela ficou na universidade. Não é uma pessoa, não é uma pessoa, uma circunstância que a gente possa identificar nominalmente, mas é a instituição como um todo. Ela adoeceu. Então assim do ponto de vista de precursor do enfrentamento da hierarquia acadêmica na relação entre sala de aula e pesquisa, porque a gente ainda reproduz isso, alguém pesquisa e alguém ensina, e ela juntou as duas coisas e



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

propôs alunos que pesquisavam. Hoje a gente fala, aluno pesquisador, não sei o quê, ela fez isso nos anos 80, sozinha. Eu lembro dela falar: olha eu fiquei sentada numa cadeira, quatro anos para produzir isso, e as pessoas fazem chacota, desqualificam. E aí a conta vem. A conta vem na saúde. Eu passei por isso aqui, porque eu fui vice-diretora numa gestão que depois que eu fui entender que era um projeto pessoal, privatista, um horror absolutamente confrontante com tudo que eu fiz, eu tive dois cânceres, por conta do tanto que eu passei raiva aqui. E a gente tem que ser mais esperto com isso, porque quando uma situação chega a esse ponto, a gente tem que entender que o pior que pode acontecer é, além da gente fazer um enfrentamento político e isso custar tanto, eles serem premiados com o seu adoecimento. E a Ledonias viveu exatamente isso. Ela viveu exatamente isso.

E1: Ela faleceu há 10 anos

R: Isso... 2015. Exatamente. E não tem registro proporcional significado do que ela fez, entendeu? Não tem. Em relação ao que você estava dizendo de como é que a gente se sente falando de si mesmo, a gente só consegue superar o constrangimento de ficar falando de si mesmo, quando você percebe que tudo é coletivo e é processo histórico. Então você fala: não quero falar de mim, nossa, não quer ser o centro das atenções. Para de frescura! Você faz



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

parte da história. Igual o Miss. Qual é o seu principal defeito? Ah, é ser sincera. Mano né, desça daí! Então, assim... Então, falar sobre...o que eu passei, não é falar... É história da universidade, é a história do ensino de história daqui. Não sou eu, é uma posição política, eu não sou nada, cara. Não sei por que esse povo está me implicando tanto de sacanear para eu não aposentar. Melhor eu longe, vocês não entenderam ainda? Então, sabe, não é pessoa, eu passo, o projeto político fica, o enfrentamento político, a discussão teórica. Então, o que a gente faz é participar como sujeito na história. Então, quando a gente fica assim: não quero falar de mim... Você está reproduzindo a lógica pelo sistema oposto. Ah, eu quero falar de mim porque eu fiz isso, eu não sei o quê e tal. É a mesma coisa, é a mesma lógica de dizer que não, eu não quero, não, você é sujeito da história. Só que o que diferencia? É você não se considerar hierarquicamente em relação a nada e a ninguém. A nada e a ninguém. Quando eu escrevi o livro de história do Pará, a gente pensando na questão indígena, na questão negra, não como passado, mas como presente. Toda vez que a gente vai discutir a questão indígena, começa do presente, para ir contextualizando, fazer essa é uma luta do presente, marco o temporal querendo tirar o resto da terra deles. Então, a história não é isso do passado mesmo. E aí, eu comecei a questão do negro no Pará a partir das comunidades remanescentes de Quilombo. E lá no Pará, o Quilombo de Oriximiná é a primeira terra que foi titulada como remanescente de Quilombo,



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

e o livro fala muito sobre isso. É um menino lá da comunidade de Oriximiná, que é uma ilha no meio do Pará, fez uma carta e mandou para a professora, mandou para a editora, dizendo que ele nunca tinha visto o lugar que ele mora num livro. Valeu, cara! Valeu toda a raiva que esse povo me passou, valeu tudo, está de boa, vem câncer, vai câncer, está de boa. Porque alguém se viu reconhecido como sujeito da história! num livro didático de uma editora privada, e chegou lá no meio do mato, na beira do rio! Então, a gente se reconhecer como sujeito da história não é um discurso teórico, é uma intervenção política, é uma posição diante do mundo. Então, eu acho muito massa o trabalho que vocês estão fazendo. Poxa vida, que coisa mais massa, envolvendo gente e trazendo isso. Eu que agradeço a oportunidade de estar dizendo algumas bobagens aqui, achando que de alguma maneira pode contribuir, mas é vida que segue, cara. Hoje essa vaga que eu ocupo aqui na universidade está subutilizada, mas não é por escolha minha. Devia ter outra pessoa, com outra energia, com outros interesses, com outros enfoques, já ocupando isso aqui, e essa universidade, não sei, me ama tanto que não quer me ver embora. Então assim, nada é centrado no sujeito, dialética né, é sujeito, mas é coletivo, e essa interação dialética entre o que é sujeito e o que é coletivo, é instrumento para sustentar o nosso embate com vaidade. Porque se tem uma coisa que é insuportável nesse universo acadêmico, é essa vaidade. E vaidade é, antes de tudo, ignorar que você contribui, mas você só



## **HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORAS/ES DO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA EM GOIÁS (1980/2010)**

FACULDADE DE HISTÓRIA UFG - LEPEHIS - FAPEG

está aqui porque a humanidade inteira tornou possível que você estivesse aqui. Então, baixa a bola, faz seu serviço, e vida que segue.

E1: Poderia, por favor, expressar a autorização e o uso da entrevista?

R: Completamente, eu queria só pedir, autorizo o uso pleno da entrevista. Se vocês puderem fazer um Photoshop, pôr um dente aqui, eu vou achar interessante, porque eu fiz 60 sessões de radioterapia, e está caindo tudo, sairá o resto, mas, por enquanto, ainda tem alguns, então, vê se faz um negócio assim, tira essa papada.

E1: Obrigado, professora.

R: Nossa, obrigado a vocês pela paciência.